

## Resenha

VATTIMO, G. *Dopo la cristianità: per un cristianesimo non religioso*. Milano: Garzanti, 2002.

Cicero Cunha Bezerra\*

Não é novidade que a obra de Gianni Vattimo seja considerada hoje como um marco de referência no estudo de pensadores como Nietzsche, Heidegger, Gadamer entre outros. Sua reflexão sobre o pensamento hermenêutico contemporâneo e seu posicionamento frente à tradição filosófica sempre esteve presente nos programas acadêmicos das universidades sejam elas européias ou brasileiras. No entanto, pouco se fala de sua postura crítica frente à sociedade e, em particular, frente à igreja e sua forte intervenção nos diversos níveis sociais (ético, moral ou político). Autor de numerosos livros como: *Le avventure della differenza* (1980), *La fine della modernità* (1985), *La società trasparente* (1989), *Filosofia al presente* (1990), *Crede di credere* (1996), *Dialogo con Nietzsche* (2001), Vattimo tem buscado como filósofo e parlamentar, refletir de modo transparente seu desconforto com relação ao conservadorismo e ao que ele intitula de *imperialismo eurocêntrico*.

No seu recente livro: *Dopo la Cristianità. Per un cristianesimo non religioso* (Garzanti:2002), Vattimo analisa, de forma extremamente pontual, o papel desempenhado pela religião católica ao longo da história como algo, paradoxalmente, decisivo para sua superação. *Dopo la Cristianità* significa morte e, ao mesmo tempo, advento de uma nova forma de conceber a religião, ou melhor dizendo, de vivenciar a experiência religiosa sob uma nova perspectiva que consiste em assumir, de maneira radical, a *boa nova* anunciada e revelada na figura libertadora do Cristo.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe e doutorando em Filosofia pela Universidade de Salamanca – Espanha. Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq.

Dividido em duas partes, *Dopo la cristianità* se caracteriza como uma crítica à estrutura eclesiástica e à secularização do “sacro” em forma de uma ideologia massificante que no seu desenvolver histórico culminou na anunciada *morte de Deus*, mas, que por isso mesmo, é abertura, como veremos mais adiante, para o ressurgimento de uma vivência religiosa compatível com o pluralismo da sociedade pós-moderna

Na primeira parte do livro subtitulada de *Lições novayorkinas* (fruto de um ciclo de conferências realizadas na Universidade de Nova York sobre a Religião na pós-modernidade) Vattimo, parte do anúncio Nietzscheano segundo o qual *Deus está morto* e analisa em que sentido este anúncio, mais que uma negação do tipo: *Deus não existe*, significa a superação de um pensamento metafísico que tem sua origem na pretensa fundamentação do mundo numa estrutura *objetiva* ou numa *verdade do tipo matemática*. A crença tradicional, iniciada por Parmênides de Eléia, de que a realidade se funda sobre uma estrutura *objetiva*, culminou, inegavelmente, na *racionalização do trabalho e no triunfo da tecnologia*.

Segundo Vattimo, utilizando as palavras de Heidegger, somente na *experiência da liberdade* existimos como projeto e esperança, como ser finito que não pode ser pensado em termos de uma metafísica objetivista. A pós-modernidade, corretamente chamada de *pós*, é a época na qual não se pode pensar a realidade como uma estrutura fundamentada em um único princípio, estável e sólido. Para ele, a revolta da Argélia contra a França, a guerra do petróleo nos anos 70, entre outras coisas, representam a ruptura não só teórica mas *prática e política, com o eurocentrismo e o pensamento de uma Europa como única civilização humana* (p. 8).

Numa sociedade plural como a que vivemos, não há espaço para um pensamento que busque a todo custo, unificar-se em nome de uma verdade última. Em efeito, é justamente numa sociedade plural que se torna possível a experiência religiosa. Somente uma sociedade livre de todo pensamento absolutista pode afirmar a crença em um Deus. De modo que a *morte de Deus* não é uma profissão de ateísmo já que isso pressuporia, por parte de Nietzsche, assumir a estrutura da metafísica tradicional como

verdadeira. A *morte de Deus* representa a morte do *Deus-fundamento* da escolástica ou da metafísica racionalista moderna. A velha expressão italiana “*grazie a Dio sono ateo*” expressa de forma clara a negação e a superação de um pensamento judeo-cristão que compreende a história como criação e salvação.

A pós-modernidade é portanto, a liberalização de uma metafísica objetivista e cientificista (p. 11). Contra a idéia escolástica de Deus, como Ser supremo, que pode ser demonstrado de forma racional, o Deus da pós-modernidade, é somente o *Deus do livro*. Vattimo chama atenção para a função do genitivo (*do livro*) que quer dizer: *autor da revelação bíblica*. O Deus que nos fala Vattimo é o Deus que não *existe* enquanto realidade *objetiva* passível de prova ou demonstração físico *racional*; é o Deus que o Novo Testamento anuncia como não passível de discurso (*Fides ex auditu*).

A *morte de Deus* enquanto realidade *objetiva*, já manifestada em Kant com o estabelecimento da distinção entre razão prática e teórica, é, como dissemos antes, a possibilidade concreta de restabelecimento da fé cristã pois, ao morrer o Deus da metafísica tradicional, morre com ele a justificação de todo ateísmo. Se o pensamento moderno problematizava a existência de Deus a partir da verificabilidade ou dos limites da Razão, isso não ocorre na pós-modernidade. Hoje, nos diz Vattimo, os filósofos, na maior parte, *são religiosos ou anti-religiosos somente por inércia, e não por razões teóricas* (p. 21).

Heidegger que mais que qualquer outro filósofo contemporâneo pensou o *destino do ser*, o compreendia como *evento, acaecer*. Somente no horizonte do *acontecer* é que podemos falar do ser, não como *estrutura objetiva* estável, mas como *evento*. Contra um pensamento “forte” que tem suas raízes na metafísica tradicional, Vattimo propõe um pensamento “débil”. Débil no sentido de que o reconhecimento do ser enquanto *evento* implica compreendê-lo a partir de um rememorar da sua história, não no sentido hegeliano, mas heideggeriano de *salto no abismo da tradição*. Neste salto, o fio condutor é um rememorar que implica necessariamente um debilitamento (*indebolimento*) do ser em seu revelar.

Vattimo divide este debilitamento em dois planos: a) teórico (passagem da crença na objetividade da consciência à consciência do caráter hermenêutico de toda verdade); b) plano individual ou social (passagem da autoconsciência ao sujeito da psicanálise, do estado despótico ao constitucional, etc.). Ao indagar-se sobre o motivo que o leva a pensar a história do ser como *debilitamento*, Vattimo responde afirmando que somos herdeiros de uma tradição que se nutre de valores cristãos como: fraternidade, caridade, negação da violência, etc. (p. 27). Em última instância a base de toda nossa tradição repousa sobre a *kénosis* (vazio) paulina e que, por isso mesmo, permite que o ser se revele sempre como evento. Por último, a *kénosis* de Deus como história da salvação é pensada, não como um abandono da religião mas como sua vocação mais íntima.

Para justificar a estreita relação entre o *debilitamento do ser* e a *secularização do sacro* na tradição ocidental (secularização como aspecto constitutivo da história do ser) Vattimo recorre mais uma vez à nietzscheana sentença da morte do *Deus-Moral* que segundo ele é fruto da própria religiosidade.

Com a dissolução da metafísica nasce uma abertura à experiência religiosa por parte do pensamento filosófico, da cultura e da mentalidade coletiva da sociedade (p. 30). Em sua análise da secularização como momento constitutivo da própria história do ser, Vattimo encontra em Joaquim de Fiore elementos suficientes para pensar a revelação bíblica não simplesmente como a história daquele que a recebe mas, acima de tudo, como história do *anuncio*, pelo qual a recepção representa um momento constitutivo, não só *acidental* (p. 30). A figura de Jesus como encarnação de Deus é pensada como *dissolução da transcendência divina*. De Joaquim Fiore, Vattimo se interessa principalmente pela idéia da história da salvação como algo *em curso* e a Escritura como *interpretação*. A compreensão joaquimita trinitária da história dividida em três idades: do Pai (lei), Filho (graça) Espírito (plena liberdade), dito de outro modo: a idade do *temor*, da *fé* e da *caridade*, é algo extremamente importante e revelador para compreensão da *morte*

*de Deus* e, conseqüentemente, para que entendamos em que sentido é possível um cristianismo sem religião como propõe Vattimo.

Joaquim Fiore representa para Vattimo, a descoberta da historicidade constitutiva da revelação que bem pode ser associada com *eventualidade* do ser professada pela filosofia pós-metafísica (p. 35). O signo joaquimita da *terceira Idade* está associado, para Vattimo, com época do anúncio do fim da metafísica. Se existe algo concreto na atual concepção teológica cristã, observa Vattimo, consiste no seu retorno radical ao Deus do velho testamento. Um retorno marcado pela ignorância da encarnação do *lógos* em Cristo. O Deus que se concretiza novamente como o *absolutamente transcendente* nada mais é, que o retorno ao velho Deus da metafísica (p. 42). É importante resaltar que este fato é pensado como concretização de uma história da salvação, ou seja, a dissolução do sacro ou a *kénosis* paulina.

Diante disto, o anúncio joaquimita da *idade plena do Espírito* se mantém como possibilidade em *curso* de construção de uma realidade onde os homens não serão mais chamados de servos, nem filhos e sim amigos (p. 43). De modo que Vattimo vislumbra no ensinamento de Joaquim de Fiore uma imagem para uma religiosidade pós-moderna. A idade do Espírito, que para Fiore, implicava uma completa reforma da Igreja a partir de uma nova interpretação da Escritura baseada numa “espiritualização” da mensagem cristã, é símbolo de superação de um pensamento “literal” do texto bíblico que propicia distinções e preconceitos hoje injustificáveis como por exemplo: a proibição do sacerdócio feminino (algo que deveria ser tomado como positivo por parte da Igreja), a associação do amor com a reprodução familiar e os freqüentes argumentos utilizados em discussões de Bioética para justificar o homem a partir de uma metafísica da “natureza”. Estes posicionamentos por parte da Igreja são, para Vattimo, expressões claras de um ensinamento que não se enquadra no mundo pós-moderno. O pluralismo cultural, político e social característico da pós-modernidade bem que pode ser pensado como uma espécie de “espiritualização” do sentido da realidade (p. 53).

Um aspecto importante do pensamento de Vattimo com relação a “boa nova” joaquimita, consiste na afirmação de que o estado atual de civilização com a tecnologia mecânica e informática, com a democracia política e o pluralismo social, oferece uma *chance* de realização do reino do espírito compreendido como *poetização* do real (p. 58). Nesta perspectiva, a “vida eterna” significa um “perfeito fluir” do significado e da forma espiritual, dito de outro modo, um apelo estético no qual a realidade perde sua “rigidez” e não se diferencia da fantasia (p. 57).

O ressurgimento da religião, bem como, do perigoso fundamentalismo, são fatores importantes na contemporaneidade. Segundo Vattimo, estes fenômenos não podem ser desconsiderados pela filosofia. A religião não pode ser pensada como um *retardo cultural*, nem tão pouco como algo alienante a ser superado (p. 94). O fim da metafísica, ao contrário de impossibilitar o pensamento religioso, dissolveu qualquer razão que justifique o ateísmo e mais, criou a possibilidade de um diálogo crítico entre a religião e a filosofia com o objetivo de evitar os constantes irracionalismo presentes na atual sociedade.

“*À César o que é de César*” ou “*meu reino não é deste mundo*”, são expressões de Jesus que são interpretadas por Vattimo como resgate do originário aspecto missionário do cristianismo e da possibilidade concreta de garantia de um espaço para uma experiência religiosa diversa. Uma experiência que se pauta numa vivência espiritual e que tem em sua “*debilidade*” a garantia de não culminar em um fundamentalismo religioso. Para concluir, Vattimo parte da idéia de que “*ir ao mundo e pregar o Evangelho*” não implica *colonizar* mas, o contrário, o cristianismo deve abandonar todo imperialismo colonizador eurocentrico que sempre marcou sua história assumindo a Verdade como *caritas* e o ser como *evento* (Ereignis). Somente assim, pode o cristianismo, em um mundo bélico e pluriculturalista, escapar do fanatismo e contribuir efetivamente, mediante uma renovação da vida religiosa, com a nova concepção pós-moderna de ser (p. 142).